

EDITORIAL

O primeiro artigo deste número da Revista Enfrentamento, de autoria de Karl Korsch, apresenta a necessidade e a possibilidade da crítica. Contudo, não se trata de qualquer crítica, mas sim da “crítica revolucionária”. Esta consiste na crítica que parte da perspectiva do proletariado. A consciência em suas mais diversas formas de manifestação, mas, sobretudo, a produção teórica e também a ideológica, está alicerçada em pressupostos (interesses) de classe. A crítica de um ponto de vista burguês hoje não é mais possível. A classe capitalista rejeita-a com veemência, clareza e consciência de classe.

Uma outra classe que também visa elaborar ideologias em acordo com seus interesses é a burocracia. Embora Korsch neste texto não a aborde, hoje podemos identificá-la com mais clareza. O crescimento numérico e qualitativo desta classe ao longo do século XX criou as condições necessárias para que se desenvolvesse, a partir de seus interesses, inúmeras ideologias burocráticas.

Seu espectro político varia, desde as alas caracteristicamente burguesas, passando pela socialdemocracia, até setores mais radicais, que pretensamente visam o fim do capitalismo (bolchevismo). Contudo, seu fundamento de base, a classe social da qual estas formas de pensamento são variações dentro de um mesmo escopo é a burocracia. Esta é uma classe auxiliar da burguesia. Devido sua posição na divisão social do trabalho, a burocracia se caracteriza por ocupar cargos de direção nas instituições existentes nesta sociedade (estado, partidos políticos, sindicatos, igrejas, bancos, fábricas, escolas, universidades etc.).

Por ser uma classe auxiliar da burguesia, no limite, sua crítica no máximo chega ao insurrecionalismo (tomada do poder de estado via insurreição ou golpe de estado, tal como defende a ideologia pseudorrevolucionária do bolchevismo). Esta ala da burocracia, representada por partidos e organizações bolcheviques, embora hoje não tenha mais o tamanho e importância que já teve em outros momentos históricos, é ainda força política que disputa os rumos da sociedade e, portanto, interfere na luta de classes.

A possibilidade da crítica burguesa morreu com sua ascensão à classe dominante. A crítica burocrática (bolchevique e socialdemocrata) leva no máximo a um capitalismo

reformado (União Soviética, Cuba, China etc.). A possibilidade, portanto, de uma verdadeira crítica revolucionária, tal como a apresentada por Korsch, só pode ocorrer se alicerçada nos interesses de classe do proletariado. Não o proletariado determinado pelo capital, o proletariado como *classe em si*, segundo expressão de Marx, utilizando linguagem hegeliana; mas sim, o proletariado autodeterminado, o proletariado como *classe para si*, ou seja, revolucionário.

A crítica revolucionária é aquela, portanto, que se realiza tendo em vista este fundamento, este princípio. Nenhuma conciliação de classe pode ser feita. *Ou o proletariado é revolucionário, ou não é nada*. Nos dias correntes, tal determinação se afirma ainda mais claramente. Nenhuma das velhas classes pode levar a humanidade a um patamar superior de organização e convivência. Nenhuma das classes decadentes permite ou cria as condições de possibilidade para a realização de uma sociedade na qual as potencialidades/necessidades humanas sejam verdadeiramente satisfeitas. Nenhuma das classes em declínio permite a elaboração de uma consciência crítica e revolucionária. Assim, a crítica da alienação não pode derivar de classes que tem interesse na reprodução da alienação. Ela só pode vir da classe que trás em si a potencialidade real de sua superação, o proletariado.

Os ensaios reunidos neste volume tem em comum este pressuposto: todos partem da perspectiva do proletariado. Este dado fundamental unifica as várias temáticas abordadas nos artigos. Espera-se que os textos aqui reunidos se constituam como contributos ao avanço da organização, consciência e luta do proletariado e demais classes desprivilegiadas, bem como setores da sociedade mais organizados (movimentos sociais, juventude etc.).